

GEOGRARTE: UM ESTUDO TRANSDISCIPLINAR PARA COMPREENSÃO DO SEMIÁRIDO POTIGUAR POR MEIO DA LINGUAGEM IMAGÉTICA.

Rebecka de França - Autora¹

Kelly Xavier da Silva - Coautora²

Márcia Cristina Barragan Moraes Toledo - Orientadora³

RESUMO

Desde os primórdios da evolução da humanidade a arte aliada a geografia foram utilizadas como principal ferramenta de compreensão do espaço. Na ausência de câmeras fotográficas, as paisagens por sua vez, foram utilizadas pela humanidade para retratar suas vivências desde épocas primitivas; como as pinturas rupestres; passando pela Idade Moderna (Leonardo da Vinci) até chegar na Idade Contemporânea (com mapas elaborados a partir de imagens de satélites). É nessa perspectiva de compreensão que esse trabalho é fundamentado, por meio da análise da percepção dos educandos sobre o espaço regional ao qual estão inseridos e habitam, no Rio Grande do Norte. O objetivo do estudo é observar as paisagens do semiárido Potiguar, catalogar as cidades que compõem esse bioma juntamente com o entendimento da fauna e da flora dessa paisagem. As oficinas da aplicação desse trabalho, serão logo após as apresentações sobre o tema proposto, com slides ou recortes de revistas antigas para obtenção desse significado como pressuposto inicial da aula, uma vez que o entendimento que muitos tem desse lugar é um espaço “cinza” e sem vida. Como tentativa de enaltecer as pinturas e desenhos sobre esse tema, os trabalhos serão expostos pela escola que receberá a oficina para que todos tenham conhecimento da compreensão do semiárido do Rio Grande do Norte. O trabalho pode ser aplicado desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, uma vez que o tema é pouco explorado, porém muito importante para compreensão da região Nordeste onde encontra-se um bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga.

Palavras-chave: Semiárido, Rio Grande do Norte, Sertão Potiguar, Artes, Geografia.

INTRODUÇÃO

Nos estudos que serão apresentados neste trabalho, é possível identificar que o ser humano tem observado bastante a visão com referência aos centros urbanos nas cidades, que por sua vez é exposto a um grande volume de imagens que estimulam a sua percepção visual

¹atransparenciamn@hotmail.com, INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – IFRN – CAMPUS JOÃO CÂMARA

²Kx.silva2001@bol.com.br, INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – IFRN – CAMPUS NATAL CENTRAL

³marcia.toledo@ifrn.edu.com, INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – IFRN – CAMPUS NATAL CENTRAL

facilitando a compreensão do espaço e das formas que o moldam numa velocidade gigantesca. Com isso, é perceptível identificar que o espaço rural; agrário; não é tão exposto e dialogado como deveria ser, deste modo, percebe-se vários detalhes que ficam esquecidos, como por exemplo, a importância do semiárido para o Nordeste, nesse caso para o Rio Grande do Norte.

Os acontecimentos e fatos que são apresentados por essas imagens e códigos podem representar uma importante compreensão se usados em conjunto as Artes e a Geografia como forma de aprendizagem do espaço e compreensão da importância dele. Nesse sentido, a prática do ensino das artes visuais aliadas à compreensão de mapas e paisagens permitem aos alunos realizarem suas próprias abordagens de acordo com suas observações, não ficando presos a certos mecanismos de discussões.

As demonstrações de expressões artísticas, por exemplo, retratam momentos vividos da sociedade em que os artistas estavam inseridos e eram sujeitos participantes. Assim, sua forma, suas pinturas e desenhos, sempre era um retrato constante do que queria mostrar aos seus expectadores, foi-se criando uma perspectiva que a arte moderna ganhava mais adeptos devido a seu poder de “provocação” em relação a busca pelas “informações”. Com isso, pode-se apontar segundo ARANA e KASHIVAGI (2016, p. 4) a importância do resgate artístico, entendendo, “em alguns casos a única fonte de referência visual de determinados acontecimentos ou de momentos do processo de mudanças de uma paisagem.”

METODOLOGIA

A proposta inicial para a aplicação da metodologia intitulada “Geogarte” consiste em um pequeno QUIZ, contendo 10 perguntas simples e de conhecimento geral, em um nível extremamente fácil, no ponto de vista geográfico, descrita como uma introdução do tema e sondagem da turma que será aplicada na oficina. Desta forma, o professor mediador terá uma perspectiva do que abordar na oficina e a forma de utilizar os conceitos com os discentes.

Perguntas realizadas no QUIZ do Semiárido:

1. Como é constituído o clima do semiárido?
2. Em que estação chove na região que tem clima semiárido?
3. Qual o bioma predominante na Caatinga?
4. Qual o planalto encontrado próximo a faixa litorânea ao leste na região Nordeste?
5. Quais os índices pluviométricos do semiárido?
6. Qual o estado nordestino não tem clima semiárido?
7. Qual estado do Sudeste, em sua porção norte, possui clima semiárido?

8. Que cidade do Rio Grande do Norte é conhecida como “a CAPITAL DO SEMIÁRIDO POTIGUAR”?
9. O que significa SUDENE?
10. Quantos municípios segundo a resolução de 2017 da SUDENE integram a região semiárida brasileira?

Respostas do QUIZ do Semiárido:

1. Quente e seco
2. Verão
3. Caatinga
4. Planalto da Borborema
5. 700 ml
6. Maranhão
7. Minas Gerais
8. Mossoró
9. Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
10. 1.262

Após a etapa do QUIZ, prossegue-se com a aula expositiva dialogada explanando a importância acerca do semiárido, a exposição de paisagens que remetam o discente a contemplar as belezas dessa região, servirá de subsídio para a atividade que será aplicada na sequência. A amostra desse espaço pode ser feita por meio de slides, recortes de revistas e jornais e fotos pessoais. Mostrar paisagens como exemplos que desmistifiquem todas as ideias errôneas sobre tal lugar, será extremamente importante para desconstrução do conceito de que o semiárido é apenas “acinzentado”.

Em seguida, o docente pedirá aos alunos que expressem o que observaram por meio de um desenho livre, pois a manifestação artística, será o conhecimento visual que o aluno absorveu durante a aula. É necessário explicar que esse reconhecimento pode-se ter, com a contemplação da paisagem do local que eles vivem, ao invés dos saberes passados de gerações. Pode-se focar no folclore, fauna, flora, clima, edificações, rodovias, rios, preservação, caatinga, meio ambiente e tudo mais que o aluno possa expressar desenhando livremente.

Essa produção artística exposta por meio de desenhos e mapas lúdicos, embasa-se no autor alemão Jörn Seemann (SEEMANN 2017), que propõe cartografias desconstruídas que estimulam a criatividade e a subjetividade do conhecimento empírico aliado ao conhecimento artístico. Sem levar em considerações os ensinamentos específicos na elaboração de um mapa,

ele traduz vários mapas em seu trabalho intitulado “*O Ensino de Cartografia que não está no currículo: Olhares cartográficos, “carto-fatos” e “cultura cartográfica”*” expondo as diferentes artes na construção de um espaço geográfico, mapeado diferentemente do qual o licenciando está acostumado no estudo da Geografia.

A educação se alimenta e retroalimenta dos conceitos derivados da cartografia e da Geografia, bastante abstratos e generalizados, assim como das práticas socioculturais realizadas na nossa sociedade. A figura indica este último aspecto apenas timidamente, utilizando o termo “relações sociedade e espaço”. Contudo, as imbricações entre mapas e sociedade ainda estão aguardando uma exploração mais aprofundada (para exceções e exemplos dos Estados Unidos veja Schulten (2001) e Brückner (2006)). (SEEMANN, 2011, p. 72).

Ao fim, na última etapa serão colocados os desenhos em exposição, na escola que a oficina foi aplicada. Deste modo, as obras poderão ser expostas para simbolizar o conhecimento que eles adquiriram na oficina “*Geogarte*”. Com as possibilidades infinitas de compreensão do espaço vivenciado, os desenhos apresentados, serão de informações significativas de cada expositor levando em consideração o que já compreendiam e aliaram à oficina.

SEEMAN (2011) em sua obra sobre os mapas abstratos, pode-se observar em relato de suas publicações, a experiência de usar desenhos para compreender o meio ambiente, através da sensibilização dos jovens alunos nas aulas de geografia:

No primeiro texto intitulado “Desenhos e escutas”, Wenceslao Machado de Oliveira Jr. desenvolve reflexões a partir da descrição e interpretações de prática educativa realizada em curso de licenciatura em Geografia, tendo na realização de desenhos pelos alunos uma forma de trazer seus saberes conhecimentos imagens à escuta do professor, dos demais alunos e de si próprio. O tema dos desenhos é o meio ambiente, mas o foco principal de discussão são as relações forma conteúdo, conhecimento linguagem na confecção possível do currículo, em meio às outras relações professor/alunos vivenciadas nesta prática não cotidiana. (SEEMAN, 2011, p. 09 e 10)

É imprescindível em um desenho, observar a distribuição dos traçados, cores, formas e superfícies que os alunos constroem na perspectiva do espaço no papel. Interpretar a linguagem que os alunos usaram logo após a aplicação dessa oficina pode traduzir a visão que eles têm e constroem sob o semiárido Potiguar. Desta forma, as proporções entre os diversos elementos que compõem o semiárido poderão ser encontradas de uma maneira alegre e sem pressão, diferentemente do que a Cartografia propõe em suas análises de mapas obrigando ao aluno ter noções geográficas de escalas, legendas, títulos, direções e espaçamentos.

A visão de uma centralidade dada a certas questões das aproximações ou distanciamentos indicam concepções acerca do assunto (MASSIRONI, 1982). Deste modo, a partir do desenho sem pressão poderá compreender o entendimento do semiárido da turma avaliada por meio da oficina. Existe uma perceptível mensagem no desenho através de uma linguagem que permite aproximações mais diretas entre as preocupações dos alunos com a dimensão espacial e o que está sendo abordado estuda a existência, central na ciência geográfica na compreensão do Semiárido, e as preocupações do futuro professor com as aulas que serão lecionadas para a compreensão dos conteúdos por meio de suas práticas educativas empenhadas na aprendizagem significativa.

DESENVOLVIMENTO

Na Geografia, pode-se citar como exemplo, de alguém que olha além das fronteiras dos territórios, Paul Claval (2004), que estuda a Geografia Cultural, que mesmo partindo do pressuposto de uma visão parcial do real de uma imagem, consegue observar que a linguagem constitui possibilidades infinitas para o ensino da Geografia. É nítido que o uso das diferentes linguagens e percepções no ensino contribuem de fato para uma construção das noções ou conceitos que determinam a compreensão do conhecimento geográfico.

Com as bases construídas pela Geografia Cultural de Paul Claval, pode-se entender a importância que a análise da paisagem do semiárido, a partir de um olhar mais artístico, suscita a importância do ensino teórico associado à prática, ou seja, desenhar e pintar para compreender um mapa. A importância do uso de recursos didáticos práticos diversos contidos no ensino da Geografia, como: as fotografias, imagens, pinturas, mapas e maquetes, proporcionam uma análise dos elementos subjetivos encontrados em uma paisagem rural.

Nessa perspectiva, MYANAKI (2003) reafirma a importância de se ter registros subjetivos de uma paisagem, pois segundo a autora, preconizam a relevância de uma marca matriz da cultura de uma sociedade, como as pinturas rupestres, pinturas de Leonardo Da Vinci ou as artes do Renascimento. Essas paisagens conseguem retratar em qualquer dos campos das artes visuais a reflexão do cotidiano de uma determinada sociedade, em um determinado espaço, em um certo momento, causando a possibilidade de diferentes visões e pensamentos acerca dos significados e representações nela contidos. Por esse motivo que a paisagem como elemento do estudo da Geografia, tem-se como um dos mais antigos objetos de estudo, tal disciplina.

A importância do estudo das artes, é descrito no relatório da prática de ensino supervisionada do mestrado da professora Leonor Brilha Roque do Vale (VALE, 2010), em que de acordo com seu texto, pode-se entender que a linha histórica do estudo das artes tem-se apresentado da seguinte maneira:

Segundo João Pedro Fróis (2005:183), no século dezanove alguns dos intelectuais portugueses discutiam a problemática da Educação Estética do Homem. Almeida Garrett elaborou um ensaio em 1823, em Da Educação com o título: A importância da Educação Estética. Em 1871, Adolfo Coelho sublinhou: O valor educativo das artes como elemento essencial na formação do homem. Em 1916, João de Barros escreveu no seu livro Educação Republicana um capítulo sob o título: Educação artística na escola. A partir do Dicionário de Educadores Portugueses (Nóvoa, 2003), encontramos durante o séc. XIX, e no cruzamento do séc. XX, vários autores portugueses que contribuíram teoricamente para a Educação Estética, Educação pela Arte e Educação Artística: Teodoro da Mota (1833-1894). José Miguel Abreu (1850-?), Joaquim de Carvalho (1892-1958), Aarão de Lacerda (1890-1947), António Pereira Paulino Montês (1897- 1988), Edmundo Arménio Correia Lopes (1898-1948), Francisco José Cardoso Júnior (1884-1969), Joaquim Afonso Duarte (1884-1954), Joaquim da Costa Lima (1884-1966), Júlio Dantas (1876- 1962), Raul Lino da Silva (1879-1974). A partir de 1937: Calvet de Magalhães, Alfredo Betâmio de Almeida e João Santos. Os dois primeiros acentuaram o eixo da racionalidade formal escolar e o terceiro, o eixo da racionalidade expressiva e terapêutica. (VALE, 2010 p. 14).

Como pode-se perceber em seu estudo, feito em Lisboa – Portugal, a autora expõe que todos os autores citados são portugueses e tem trabalhos importantíssimos ligados à disciplina de Artes e a compreensão da importância das expressões artísticas. Com a percepção de CAUQUELAIN (2007) pode-se fazer uma viagem ainda maior no tempo histórico e perceber que a paisagem tem seu nascimento por volta dos anos de 1415, em inúmeros países. Essa mesma paisagem, no sentido de termo e noção, derivada da Holanda, transitaria pela Itália, mas se instalaria definitivamente, em nossos espíritos com a longa elaboração das leis da perspectiva e triunfaria de todo obstáculo quando, passando a existir por si mesma, escapulindo de seu papel decorativo e fizesse a ocupação do palco principal sendo definitivamente a protagonista e não mais coadjuvante.

Essas acepções são perfeitamente aceitáveis quando se trata apenas da pintura, isto é, da apresentação dos elementos paisagísticos na moldura de um quadro, como diversas vezes é pintado aos alunos o semiárido de cor cinza, com ausência de cores e perceptivamente sem vida e sem riquezas, quando na verdade, uma gota de água consegue transbordar a vida encontrada e abundância nesse espaço do Rio Grande do Norte.

A linguagem cotidiana usada para descrever o semiárido, seja ele específico do Rio Grande do Norte ou não, é sempre a mesma, um território sem vida, isso porque na região

Nordeste encontram-se os espaços no território brasileiro mais suscetíveis à desertificação, pois o clima do semiárido é muito propício a um alto índice de aridez segundo a classificação climática de THORNTWAITE (1914). Estima-se que as áreas desertificadas ou em vias de desertificação na atualidade, correspondam a 1/3 de toda a superfície da terra abrigando cerca de 1/6 de toda a população (MATALLO JUNIOR, 2001).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Brasil - IBGE (2014), quase 24 milhões de pessoas se encontram vivenciando as características climáticas dessa região, conceituando assim, a região semiárida mais habitada do mundo, equivalendo a 34% da população do Nordeste e 14% da população do Brasil.

É importante criar na população que habita esse espaço, um sentimento de orgulho, afinal educá-los para vivenciar e preservar este espaço, está cada vez mais necessário para ensiná-los a vivenciar as questões da falta de chuvas e os possíveis problemas de desertificação. É nesse viés que a proposta de uma educação ambiental é inserida no contexto da vivência desses indivíduos.

O Artigo 4º sobre os Princípios da Educação Ambiental, propõe que “a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, socioeconômico e o cultural. Sob enfoque da sustentabilidade.” (BRASIL, 1999). Por isso, a necessidade de conscientizar os habitantes, turistas, recém-chegados, empresários, alunos e demais membros da sociedade sobre a importância dos problemas sócio ambientais. Tais problemas atingem o semiárido e sua fauna e flora, pois as ações antrópicas causadas neste espaço degradam e sobrecarregam o mesmo que já castigado por sua localização geográfica em relação ao Sol e a temperatura, além das queimadas causadas pelo uso da agricultura que costumam aumentar mais ainda a degradação do solo, como apontam GUIMARÃES; CARDOSO (2014, p. 330):

Causas e consequências que apresentam e repercutem em dimensões socioambientais e mudam a paisagem e as formas de habitar e utilizar os espaços. E naturalmente as consequências são maiores para a população de baixa renda, excluída dos meios técnico-científicos e informacionais, bem como do capital, o que remete a discussão sobre justiça Ambiental.

É necessário abordar por meio de uma análise da Educação ambiental aliada a Geografia e as Artes, o fato que o grande problema da desertificação não é apenas a gênese do processo físico. É de extrema importância conscientizar os vivenciados do Semiárido que a escassez de água e da vida pode vir do mau uso dos recursos contidos no território. Por meio de suas próprias ações ou de terceiros que se apoderam do espaço vivido por eles, porém se eles tiverem acesso

às informações necessárias dos meios que se propaga pela forma reducionista de se encarar o problema, terão mais chances de manter o espaço por mais tempo. Mas, o que precisa ser desvelado e visto em conjunto com esse contingente populacional, são as questões dimensionais sociais, que são determinadas práticas políticas que reafirmam a condição de precariedade socioambiental. Para isso, algumas soluções e ações podem ser discutidas.

De acordo com MATALLO JUNIOR (2001, p.29):

(...) para alguns seca e desertificação são um único e mesmo fenômeno e que, portanto, se conseguirmos eliminar os efeitos da seca (provendo água) acabaremos também com a desertificação. Outros imaginam que a desertificação é um processo que pode levar a um aumento ou intensificação das secas e a mudanças climáticas e que, portanto, a única finalidade de combater a desertificação é evitar a mudança do clima. Há aqueles que acreditam que a seca é causa da desertificação e, portanto, se gerenciarmos corretamente as secas estaremos impedindo a desertificação. Finalmente, há aqueles que acham que a desertificação não passa de um mito, originado do processo de expansão temporária do Saara, ou mesmo uma invenção para captar fundos dos países desenvolvidos.

Para isso, os professores destas regiões precisam utilizar de estratégias diferenciadas para conseguir captar a atenção dos alunos e intensificar a emergência desse movimento contra hegemônico na sociedade de discutir sobre os espaços vivenciados pelo sertanejo. É necessário denunciar as grandes empresas que se apoderam dos espaços na região Nordeste (do Rio Grande do Norte) colocando em embate com a postura hegemônica pela luta de um território de expropriação que visa apenas o lucro sem se importar com o desgaste ou mau uso dos espaços usando uma perspectiva dialética, na possibilidade do surgimento de novos defensores do semiárido.

O movimento social aliado à educação faz essa junção para efetivar a construção de uma nova organização social baseada em novas relações sociais e temas apresentados na sala de aula, com intuito de discutir a produção, o consumo e a preservação desse espaço com toda a sua riqueza de estrutura geológica, tipos de rochas, relevo, hidrografia, fauna, flora e etc. Portanto, há uma gênese de uma nova relação entre sociedade, escola, campo e natureza, que é possível identificar a criação ambiental de um diálogo educativo em que essa realidade possa estar sendo gestada por meio da ludicidade com uma linguagem imagética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do trabalho de SEEMAN (2011) colocado em evidência à compreensão dos alunos a respeito do espaço que ocupam é uma grande estratégia para se obter resultados

satisfatórios para a compreensão tanto da Geografia como do ensino das Artes. É necessário que o professor que aplica a oficina possa ter uma interpretação lúdica e rica em detalhes e não se prender apenas nas cores marrom, laranja e verde, cores típicas que traduzem geralmente esse tipo de paisagem quando observados em novelas, filmes, quadros e revistas.

A percepção do aluno deve ser expressa de forma livre e sem pressão, pois o professor de geografia precisa captar a ideia do “fazer geográfico” por meio do desenho livre. É necessário que o professor tenha interesse em aplicar sua aula com recursos voltados ao desenho livre, pois poderá ser aplicado em qualquer nível de ensino, porém os resultados esperados dos desenhos e a compreensão do Semiárido serão totalmente diferentes, de acordo com experiências e vivências.

Durante a aplicação da oficina, em agosto do presente ano letivo, em uma turma de alunos da 2ª série do curso de Educação Profissional Tecnológica integrado de Mecânica, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, campus Natal-Central, podemos perceber a dificuldade de alguns discentes demonstraram em desenhar, fato esse que comprova que a competência do desenho é algo não trabalhado durante o período escolar. Desenhar é uma habilidade que os alunos precisam desenvolver ainda na sala de aula, e quando questionados: - “Quando foi a última vez que seu professor pediu que você fizesse um desenho na sala de aula? A maioria dos alunos, não lembravam a última vez que haviam feito desenhos solicitados ou orientados por seus professores.



Fonte: fotos do acervo das autoras na aplicação da oficina.



Fonte: desenho realizado por um dos alunos da oficina GeogrArte.



Fonte: desenho realizado pelo aluno participante da oficina GeogrArte.

Os relatos e registros que são expressados por meio do desenho acabam se perdendo ao longo do tempo, com isso a percepção artística é desconstruída e trocada por competências julgadas mais importantes como o cálculo, a escrita e a leitura.

Durante a aplicação da oficina, foi-se debatido, que não existe perspectiva alguma para o desenvolvimento do desenho nas séries do Ensino Médio. Assim, esquecem que essa ferramenta aliada ao estudo da cartografia corrobora para compreensão de uma paisagem qualquer, e o ato de desenhar inclui através da arte, os agentes geográficos nas expressões artísticas, como por exemplo, o território, a região, o clima, a vegetação, hidrografia, população...

Por fim, é claro que a aula acontece sem pressão, pois eles não perceberam que a atividade que realizaram é um método de compreender se eles reconhecem com êxito a aprendizagem sobre o semiárido, deste modo, a representação do desenho apresentará tal hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que compete ao educador como missão, que estejam preocupados e comprometidos com a Educação Ambiental, seu fazer pedagógico deve estar atrelado à construção de um mundo melhor para o nordestino do Semiárido.

O professor deve oferecer aos jovens estudantes a chance de conhecer, pela perspectiva geográfica artística, as causas e consequências da desertificação, a falta de chuva, as queimadas em seus múltiplos ataques antrópicos. E também, mostrar como tais ações prejudicam e diminuem as chances do agricultor que sobrevive da agricultura no seu espaço.

Pois, é fundamental para subsidiar o processo pedagógico, o intervir na realidade socioambiental, despertar nos alunos uma espécie de orgulho de viver nessa região. O fazer da Educação Ambiental por educandos e educadores como cidadãos que vivenciam o semiárido, pode comprometê-lo a uma postura crítica, transformadora e emancipatória, que servirá para muitas outras gerações de moradores do semiárido.

REFERÊNCIAS

ARANA, A. KASHIVAGI, H. M. **O uso de arte no ensino de Geografia: uma proposta de ensino inovador**. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor do PDE. 2016. Vol. 1, edição *online*.

CAUQUELAIN, A. **A invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 4ª edição. Florianópolis. Editora da UFSC, 2014.

_____. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004. p. 13-74.

GUIMARÃES, M. CARDOSO, C. Dos desertos geográficos a desertificação da vida... a Educação Ambiental em tempos de crise. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. E-ISSN 1517-1256, v. 31, n.1, p. 324- 338, jan./jun. 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Brasil (2014). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv80951.pdf> Acessado em: 14 de ago de 2019.

MATALLO JUNIOR, H. **Indicadores de Desertificação**: histórico e perspectivas. Brasília: UNESCO, 2001.

MYANAKI, J. A. **Paisagem no Ensino de Geografia** – Uma estratégia didática a partir da arte. São Paulo, USP/FFLC, 2003.

NUNES, F. G. (Organizadora) In: SEEMANN J. Ensino da Geografia: Novos olhares e práticas. **“O Ensino de Cartografia que não está no currículo: Olhares cartográficos, “carto-fatos” e “cultura cartográfica”** Dourados, MS. UFGD, 2011. 200p.

VALE, L. B. R. **Como desenvolver a criatividade do aluno em artes visuais**. Relatório da prática de ensino supervisionada. Universidade de Lisboa. Portugal 2010.